

KEYSERLING

8

O fundador da Escola da Sabedoria de Darmstadt é uma figura simbólica e ao mesmo tempo real que vive os problemas do nosso tempo com uma superioridade de compreensão verdadeiramente notável. Profeta dum mundo novo, que a nossa geração vê, dia a dia, aparecer e desenvolver-se, opondo-se às formas de cultura tradicionais e inúteis, Keyserling, pode dizer-se, é o primeiro captador do novo Sentido vital e o primeiro habitante, consciente de o ser, desse mundo nascente. Homem ecumênico, pela sua ânsia de simpatia e compreensão de si mesmo, Keyserling teve necessidade de deslocar o acento vital da sua cultura para aquilo que ela tem de universal e transferível como imediata expressão do Espírito, sem, contudo, incarnar o tipo abstracto e inumano legado pelo século XVIII, mas sim o homem concreto, total, de corpo vivo e alma viva, que afirma a realidade do espírito como alguma coisa tão concreta como a carne e a união da alma e do corpo, do mundo metafísico e do mundo empírico, como unidade completa e indivisível. Esta necessidade de transferência explica-se porque o centro de gravidade das culturas anteriores residia no irracional, no sentimento, no afectivo, sendo, portanto, naturalmente particularistas e necessariamente intransferíveis. Para a nossa época, o fundamental é o espírito, essencialmente transferível, porque pensar e compreender o estranho é anular, na nossa alma, tudo o que, por limitação de conhecimento, é exclusivo e particular. Isto é, ao homem limitado e incompleto por incompreensão deve suceder o homem total, humano, para quem os outros homens, de sensibilidades diferentes ou até opostas, servirão para polarizar em si o essencial. Uma outra necessidade de limite se impõe, é certo, mas limite que é alargamento, visão mais alta de si mesmo, e conhecimento preciso da essência profunda, vital e humana que constitui o indivíduo.

Keyserling, demasiado absorvido pela acção, não é propriamente um filósofo, um historiador ou um homem de ciência. Embora a sua formação intelectual universitária fôsse a do geólogo, conseguiu libertar-se das exigências da ciência em virtude da sua natureza não permitir que os factos inertes modelassem a sua sensibilidade viva. Ao contrário de Spengler, Keyserling não afirma a constituição da realidade histórica apenas por factos. Para ele, as idéas são mais reais do que os factos porque estes só adquirem sentido e valor quando aquelas os interpretam e afirmam a sua realidade. Por isso pretende ver, de preferência, um órgão de transmissão entre a especulação filosófica e a realidade da acção. A sua estrutura espiritual — simbiose de mongol, de eslavo e de germânico — não poderia nunca subordinar-se aos quadros rígidos e simples impostos pelo exterior, e ser qualquer coisa que os outros tivessem sido já. Esta incapacidade levou-o a repelir completamente a idea de candidatura à cátedra universitária. Contando a Universidade quinhentos anos de existência, e ele apenas quarenta, seria, sem contestação, mais forte do que ele para o impedir de realizar a sua própria forma de vida. Bastou para o afastar de si mesmo a experiência universitária de alguns anos, como estudante, porque uma formatura equivale, quasi sempre, a uma deformação temporária da personalidade.

Tudo o seu esforço consistiu, portanto, em libertar-se de tudo o que as necessidades de vida social lhe tinham imposto, e a aprofundar e purificar a sua natureza essencial. Na esteira directa de Sócrates, pelo valor concedido ao que o homem tem de humano, Keyserling pretende determiná-lo em si mesmo, marcando, com rigor, o seu circulo natural de acção (*natürlichen Wirkungskreis*). Para isso um triplice esforço lhe é exigido: determinar as suas tendências e possibilidades, entrever as suas insuficiências e limitar a sua personalidade. A bem dizer, o segundo destes preceitos condiciona toda a sua attitude, pois entrever a insuficiência dum personalidade implica, necessariamente, o conhecimento daquilo que nela é ou se afigura suficiente, isto é, das qualidades em potencia latentes no ser, e também a determinação, mais ou menos precisa, dos seus limites de pensamento e acção. As palavras profundas e até agora quasi sibilinas de Goethe: «só a insuficiência é fecunda» foram orientadoras do labor fecundissimo de Keyserling na procura e valorização de si mesmo. Conhecidas as suas tendências, era preciso evitar tudo o que as contrariasse aceitando tudo o que permitisse um desenvolvimento integral e em forma circular da sua personalidade; anular todas as que se não condunassem com a sua maneira de ser e activar em todas elas uma sublimação progressiva. A sua moral passa a ser a moral da suficiência e o seu esforço a razão da sua admirável receptividade espiritual.

Alguns factos exteriores, como um ferimento recebido em duelo enquanto estudante, a Revolução russa de 1905 confiscando-lhe todos os seus bens, depois concedidos, e, mais tarde, a confiscação definitiva, pelo governo da Estónia, das suas propriedades agrárias, criando-lhe dificuldades de toda a ordem, tiveram funda repercussão na sua vida interior e deram ao seu *devenir* espiritual aparências de mutação brusca e apressada. Foi o primeiro destes factos, pelo enfraquecimento físico de que foi causa, o ponto de partida para a sua súbita metamorfose como intelectual; os outros infortúnios privados fizeram-lhe ter consciência da missão importante que devia desempenhar. A isto deve juntar-se ainda a influência extraordinária sobre ele exercida por

Chamberlain e Kassner. Mas, liberto dessa influência, uma viagem à volta do mundo fê-lo tomar contacto com a diversidade real dos indivíduos e das nações e melhor conhecer a natureza essencial da sua individualidade.

Continuando o seu trabalho de sondagem interior, chegou à dupla verdade que consistirá a razão de ser de todo o labor pensante de Keyserling: «a salvação está unicamente no conhecimento e o seu valor depende da sua orientação e ajustamento ao organismo espiritual». A procura imediata do caminho da criação seguiu-se e, como consequência, a opposição radical entre *saber* e *compreender* levá-lo-á, mais tarde, à fundação da Escola da Sabedoria, em Darmstadt, como instituição nitidamente distinta e oposta à Universidade.

Durante estes anos, Keyserling abandonou-se a todas as influências favoráveis ao seu progresso indo até a renunciar à afirmação da sua personalidade porque, consistindo, segundo ele, o conhecimento perfeito na expressão da justa relação entre o eu real e o mundo exterior real, só aquele que realiza todas as influências pode impedir toda a cristalização prematura. Aceitar esta verdade evidente impede-lhe toda a attitude discursiva. O homem que discute mantém e defende uma posição, enquanto que o homem desejoso de progredir pretende conquistar uma base superior. Um paralisa, o outro enriquece a sua vida interior.

Na Escola da Sabedoria a única interdição absoluta é: Não discutir. A divisa de Keyserling é tudo compreender. O saber, como saber, não tem interesse; é alguma coisa de stulto do homem que deforma o homem. Compreender é incorporar em nós tudo aquilo que, embora tivesse sido pensado e dito por outros, poderia ter sido dito e pensado por nós, fazendo parte da nossa natureza essencial. Inventar e compreender significam metafisicamente o mesmo. O homem superior é, para Keyserling, aquele que plana acima de todas as opiniões possíveis sabendo tudo por intuição directa e perfeitamente porque está em relação necessária, imediata e viva com o Universo. Há sempre, na attitude de Keyserling, horror ao definitivo e a todos os modos de existência cujo fim esteja fóra e não no intimo de cada individuo. A sua tentativa é um esforço de nupificação espiritual. A valorização do individuo faz-se no que ele é e não no accidental que o faz parecer ser. A maioria dos homens não consegue limitar-se ao seu circulo natural de acção e muitos d'elles assemelham-se a conglomerados monstruosos cobertos com roupagens emprestadas. Se fôsse possível dar representação concreta à vida interior de certos homens não se encontraria nada que não tivesse perecido a outros. Quasi todos são *mediuns* que incarnam as personalidades alheias e o essencial, o importante, o problema fundamental para cada homem é incarnar a sua própria personalidade. Outros, admiravelmente dotados, suficientes, não conseguem realizar a unidade ideal dos seus actos e pensamentos com a estrutura intima do seu ser. Serve de exemplo destes últimos Schopenhauer que, apesar de possuir facilidades extraordinárias de compreensão, não soube encontrar a sua forma interior; donde a sua filosofia ser um anagrama disforme, uma juxtaposição e não um todo orgânico brotando duma fonte única. Não é a falta de sistematização, bem entendido, mas a falta de unidade que faz de Schopenhauer um deformador ao contrário de Kant e Hegel, que formam um todo solidário e harmónico com as suas filosofias.

Na distinção entre saber e compreender e nas attitudes dela derivadas, fundamenta Keyserling a necessidade de transformar as manifestações do saber em emanações do ser e todo o conhecimento projectado no plano do intelecto num conhecimento essencial. Isto é, interessamos o enriquecimento da nossa memória intuitiva, da *duração*, da *cultura animi*, ou do saber culto, como diria Scheler; tudo o que é fixado pela memória-hábito, motora, é simplesmente adorno: são quadros para ornar as paredes da nossa personalidade; mas o importante é que as paredes se vejam, que não fiquem recobertas totalmente pelos quadros fixados no exterior, como sucede no erudito. A opposição do sábio ao ságe, do erudito ao mago, da *sagesse* ou sabedoria à ciência, na terminologia de Keyserling, parte também da distinção entre saber e conhecer. Para nós entendermos sobre o valor de cada um destes termos, diremos que sábio e erudito são aqueles que, procurando a verdade, fixaram em si muita ciência do exterior; que ságe ou mago é aquele que não procura a verdade no exterior mas que a possui já; e que *sagesse* ou sabedoria deve entender-se no sentido dado pelos gregos a *sofia* isto é voz e *epistēmē*.

Tudo este esforço tendente a transmutar o saber em emanação do ser é um problema individual e subjectivo. A compreensão faz-se de homem a homem ou, então, no homem por si mesmo. Keyserling não admite a existência de interesses objectivos. A objectividade não é, para ele, interesse pessoal mas supra-pessoal, quer dizer, interesse no que há de mais profundamente humano no homem vivo; toda a objectividade, compreendida noutro sentido, é má porque coloca o inerte superiormente ao vivo. Daqui a falta de sentido na busca da verdade no exterior. Para o homem de ciência mais do que a posse da verdade importa a sua procura. Para Keyserling, a verdade não se procura, possui-se. Pode possuir-se e não se conhecer por isso

a verdade exige um certo esforço de penetração, de sonda nas camadas profundas do inconsciente impessoal (Jung) ou primitivo (Freud) para entrever a justa relação que torna perfeito o seu conhecimento. É isto que não faz o sábio ou cientista; o sábio é o representante do espírito sob forma cristalizada; esforça-se por compreender todo o novo integrando-o no conjunto do saber tradicional, no coagulado. Todos os problemas novos que ele venha a agitar supõem sempre um saber anteriormente adquirido como dado primeiro.

Muito diferente é a atitude do sábio ou mago. A sua preocupação dominante não é fazer repousar novas atitudes em bases consagradas mas tentar a criação de novas bases. A acção sobre as almas consiste em vivificá-las pelo espírito, não pela letra; o seu fim é sempre a vida, nunca a teoria; o gémem, nunca o definitivo. A sua compreensão tem portanto de ser realizada pela totalidade do ser porque o homem é um animal metafísico e não apenas um animal racional.

Em todas as épocas o mago se opõe ao estatuído e fixado. Para os rabinos do tempo de Jesus a verdade estava, para sempre, fixada, contida, na letra da Escritura e toda a experiência religiosa consistia em interpretar o imutável. Mas Cristo ultrapassou a expressão porque estava convencido da presença efectiva, viva, da verdade da Escritura. Uns ficaram na superfície da letra, da gramática; o outro, o Mago por excelência, acha que só o espírito é fecundo e considera a forma como obstáculo à renovação. Por isso o sentido e valor das palavras e actos de Cristo nunca residiram na forma adoptada, mas na apetência de eterno nascida da sua união com um ser em estado de receptividade feminina. O *lóyos* é sempre masculino, espermático, fecundante e dinâmico. O verbo não é palavra, como o pensamento não é letra, mas espírito, que fecunda e cria. Não nos é dado como um todo sistemático, mas lançado ao acaso, com aparências de contradição, de paradoxo, porque o paradoxo e a contradição exigem de cada um a elevação a uma atitude tal que permita

vislumbrar a perspectiva da unidade e o sentido revelador da harmonia dos seus termos, só aparentemente contraditórios. É um convite a penetrarmos na região do Sentido, e a abandonarmos os atalhos da expressão; a seguirmos o projectil do espírito através do espaço e do tempo. É que o paradoxo, como diz Keyserling, corresponde, no domínio espiritual, ao explosivo do mundo físico: concentrando nêle contrastes sem os resolver inflama a faculdade de compreensão e a solução pessoal que determina tem toda a aparência de explosão. Por isso, as palavras de Cristo, de Lao-Tseu, de Heracito, de Nietzsche têm influência independentemente do tempo e do espaço. A tragédia da Igreja consiste na incompreensão total destas verdades e em considerar a palavra como última e definitiva realidade. E isto é tanto mais incompreensível quanto a atitude dos magos, e especialmente de Cristo, tem sido hostil ao definitivo e adulto e simpatisante com o indiferenciado e plástico, bem patente no interesse carinhoso dedicado às crianças. A criança distingue-se do adulto pela sua integração perfeita no conjunto cósmico e porque, dentro do seu universo, é a expressão completa do espírito criador. Falta-lhe toda a fisiologia espiritual acabada e rígida característica do adulto. Explica-se agora a oposição dos fariseus a Cristo e a atitude hostil de Cristo a todo o definitivo da personalidade. É que a vida da criança não deriva do *eu*, mas do fundo supra-pessoal que o ultrapassa em potência; da concentração de humanidade que cada um de nós tem em si, e todo o renascimento do ser, todo o renascimento só é possível partindo do indiferenciado. Logo, suprimir em si toda a diferenciação é atingir as virtudes do plasma germinativo.

Abril, 1930.

D E L F I M S A N T O S

Keyserling em Portugal

Aguardamos o novo capítulo, referente a Portugal, que Keyserling parece querer acrescentar à *Análise espectral da Europa*. Nêle—se Keyserling sacrificasse a amabilidade e a cortesia à verdade e à justiça—veríamos, certamente, afirmações pouco lisonjeiras, não para a nossa qualidade de portugueses, que nos interessa menos, mas para a nossa equívoca qualidade de europeus.

De facto, de sul a norte, o que se disse de Keyserling revela bem quão afastados estamos, no domínio da cultura, do resto da Europa. Êle mesmo devia tê-lo notado. Chamaram-lhe tudo: Grande Pensador—e êle é um homem de acção e, como tal, um homem que se reconhece medíocre no domínio intelectual. E' um técnico das sciências do Espírito, como lhe chamou Leonardo Coimbra, por isso sem pensamento criador, como todos os técnicos. O seu valor consiste na sua atitude perante o mundo contemporâneo e não no conteúdo do seu pensamento, porque não é *seu*. Chamaram-lhe Filósofo,—e Keyserling declara não ter vencido as insuficiências que o impediram sempre de o ser. Que será um filósofo para os homens cultos do nosso país?

Mas não ficaram por aqui. Para que no capítulo sobre Portugal nada falte do rigor científico desejado, manifestamos-lhe a nossa total incompreensão dos problemas do Espírito, a nossa admiração imbecil e a *subtileza* do espírito nacional, chamando-lhe *Sábio*.

Sábio? Êle que escreveu contra o sábio as páginas mais interessantes das Figuras Simbólicas!..

D. S.

O cabeçalho de **princípio** é da autoria de Ventura Porfírio; as vinhetas de Adalberto Sampaio e Ventura Porfírio.

DA ADMINISTRAÇÃO

▲ Esta publicação carece, para se manter, de um determinado número-mínimo de assinantes.

▲ Todas as pessoas ou entidades que se interessarem pela realização dos objectivos que nos propomos, manifestarão êsse interesse conseguindo, entre os seus amigos, mais assinantes.

▲ daquelas pessoas ou entidades que por qualquer razão não queiram honrar-nos com a sua assinatura, esperamos a fineza de nos devolverem o presente número para podermos elaborar com rigor a lista dos nossos assinantes.

▲ A Renascença Portuguesa, editora dêste quinzenário, concede a todos os seus sócios a assinatura gratuita.

▲ Aos assinantes de «**princípio**», (série de 10 números) oferece a administração um dos seguintes volumes, à escolha:

Ezequiel de Campos — *A Crise Portuguesa*
D. João de Castro — *Jesus*
Teixeira de Pascoais — *Regresso ao Paraíso*
Augusto Casimiro — *Calvário de Flandres*
Raul Brandão — *Teatro*
Alberto Pimentel — *Poemas heroico-cômicos*
Américo Durão — *Ave de Rapina*
Leonardo Coimbra — *Razão Experimental*
Visconde de Vila Moura — *2 novelas diferentes*

